



GT14 - Sociologia da Educação – Trabalho 572

## OS EFEITOS DA POLÍTICA DE NUCLEAÇÃO DAS ESCOLAS RURAIS NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

Alexandra Resende Campos – UFMA

Agência Financiadora: Capes

### Resumo

O objetivo deste artigo foi compreender os efeitos da política de nucleação das escolas rurais na relação família-escola. Tal política consiste no fechamento das escolas rurais isoladas de uma determinada região, com a transferência dos respectivos alunos para uma escola polo ou nucleada, geralmente localizada no meio urbano. Essa pesquisa foi realizada em uma escola nucleada, localizada no distrito de São Sebastião da Vitória, São João del-Rei-MG, e em dois povoados rurais vizinhos a esse distrito. Utilizaram-se, como referencial teórico, pesquisas e estudos no campo da Sociologia da Educação que tiveram como foco processos de escolarização nos meios populares e relação família-escola. Foram realizadas entrevistas semidirigidas com 15 famílias envolvidas nesse processo. Os resultados revelaram que a relação que as famílias mantinham com as escolas isoladas eram estreitas. Com o processo de nucleação ocorreram mudanças nessa relação. O fato de a escola ter ido para um local movimentado, urbanizado, demandando que o portão da escola permaneça trancado, além do aumento do número de funcionários e alunos, contribuiu diretamente para que as redes de interações estabelecidas entre pais e professores fossem alteradas.

**Palavras-Chave:** Família-escola; escolas rurais; nucleação.

### Introdução

Nos últimos anos, a política de nucleação das escolas rurais<sup>1</sup> vem sendo amplamente adotada em todo o país. Trata-se do fechamento das escolas rurais isoladas e multisseriadas de uma determinada região e da transferência dos respectivos alunos e professores para uma escola polo ou nucleada, geralmente localizada no meio

---

<sup>1</sup> As escolas nucleadas, aqui analisadas, são mais bem classificadas como “escolas rurais” do que como “escolas do campo”, uma vez que não apresentam currículo e gestão pedagógica construída junto com os povos do campo, mas sim por iniciativas governamentais pensadas de forma verticalizada. Neste sentido, utilizarei a denominação escola rural, neste artigo, para referir-me às escolas nucleadas. Essa escolha se justifica por dois motivos: pelo fato de o modelo de escola nucleada não romper com os paradigmas da educação rural, pois não contempla as especificidades propostas dentro da perspectiva da Educação do Campo; e em respeito aos ideais e trajetória de luta dos movimentos sociais do campo, que demarcaram tão bem o que se pretende com uma Educação do/no Campo.

urbano. O objetivo desta política seria melhorar a qualidade do ensino oferecido aos alunos do campo: fim das turmas multisseriadas; fim do isolamento pedagógico; redução da sobrecarga do trabalho dos docentes; melhorias nos aspectos físicos das escolas (biblioteca, quadras, sala de informática, etc.); ampliação do material didático; presença constante de um supervisor pedagógico; além da redução de gastos. Sob essa ótica Sales (2007) aponta que é mais fácil administrar e suprir as necessidades físicas e materiais de oito escolas nucleadas do que de 80 escolas isoladas.

No entanto, a política de nucleação vem contribuindo diretamente para o processo crescente de fechamento das escolas rurais isoladas. De acordo com dados do Censo Escolar de 2011, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 40.935 escolas rurais foram fechadas de 2000 a 2011 em todo território nacional. Dados levantados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) revelam que em 2014 foram fechadas 4.084 escolas do campo, o que equivale a uma média de 08 escolas fechadas por dia (SILVA, 2015). Tal fato vem despertado minha atenção por conhecer de perto as dinâmicas de funcionamento e as especificidades encontradas nessas escolas isoladas e multisseriadas<sup>2</sup>.

Apesar da precariedade material, didática, pedagógica e do histórico de descaso do poder público por essas instituições, essas escolas também tem suas “riquezas”. São, na verdade, riquezas simbólicas que são vivenciadas na rotina escolar. Na minha trajetória de pesquisa com famílias do campo sempre me chamou atenção o valor social que a escola tinha para esses atores. Além disso, percebia como eram estreitas as relações estabelecidas entre pais de alunos, moradores e a equipe pedagógica dessas escolas. Uma característica comum dessas instituições era o livre acesso de familiares e moradores ao interior do prédio escolar, seja para tratar de assuntos referentes aos alunos ou da própria comunidade. Existia um elo social e afetivo muito forte entre escola e comunidade e entre família e escola, o que repercutia positivamente no processo de escolarização dos alunos.

Contudo, o processo crescente de fechamento das escolas rurais levou-me a alguns questionamentos: O que muda na relação estabelecida entre familiares e a equipe pedagógica, uma vez que nas escolas isoladas os familiares estabelecem um vínculo significativo com os profissionais e vice-versa? O que significou, neste tipo de

---

<sup>2</sup> Desde o ano de 2005 venho realizando pesquisas em comunidades rurais, tendo como foco principal processos de escolarização de famílias camponesas.

relação, ter os filhos estudando longe de suas comunidades e interagindo com profissionais de outras regiões? Vale mencionar que em muitos casos os profissionais das escolas isoladas são moradores da própria comunidade.

Portanto, o objetivo deste artigo é compreender as implicações do fechamento das escolas rurais na relação estabelecida entre família-escola antes e depois da nucleação.

### **O peso do envolvimento familiar no processo de escolarização dos filhos e a política de nucleação das escolas rurais**

A produção bibliográfica desenvolvida nos últimos anos, no campo da Sociologia da Educação, não deixa dúvidas da importância da participação e do envolvimento familiar para o sucesso escolar dos filhos. Estudos e pesquisas evidenciam o peso das práticas parentais nas experiências e trajetórias escolares dos diferentes sujeitos sociais, sejam eles pertencentes às classes favorecidas ou não (ALMEIDA, 2009; LAHIRE, 2008; THIN, 2006; PORTES, 2000; entre outros), ao meio urbano ou rural (CAMPOS, 2010; ZAGO, 1989; PORTES *et al.*, 2012), ou mesmo em contextos de muita pobreza, como em famílias catadoras de um lixão (PAIXÃO, 2005). De acordo com esses estudos, é possível afirmar que quanto maior o vínculo que a família estabelece com o processo de escolarização dos filhos, maiores são as chances de esses sujeitos obterem sucesso escolar.

As práticas de escolarização<sup>3</sup> empreendidas por essas famílias apresentam variações de acordo com o contexto social, econômico e cultural a que pertencem. Se tratando das classes populares, é possível citar a presença de uma ordem moral doméstica, acompanhamento dos trabalhos escolares (deveres e provas), acompanhamento das notas, participação constante em reuniões de pais e festividades escolares, ajuda material para suprir as demandas escolares, busca de um grupo de apoio para sanar as dificuldades escolares, relação de proximidade com a equipe pedagógica, vigilância quanto aos horários de estudo e de lazer, controle do círculo de amizades, entre outras (CAMPOS, 2010; LAHIRE, 2008; PORTES, 2000).

---

<sup>3</sup> De acordo com Portes (2000), entende-se por práticas de escolarização todas aquelas ações – ocasionais ou precariamente organizadas – empreendidas pela família no sentido de assegurar a entrada e a permanência do filho no sistema escolar, de modo a influenciar a trajetória escolar da criança, possibilitando a ela alcançar os níveis mais altos de escolaridade, como, por exemplo, acesso a curso superior.

Vale mencionar que o discurso sobre a importância da relação família-escola para o sucesso escolar dos alunos não se restringe somente ao campo acadêmico. De acordo com Paixão (2006), ele está presente na mídia, entre os profissionais da educação e entre autoridades responsáveis pela avaliação e por propostas de políticas no campo educacional. Segundo essa autora, desde a década de 1980, os Estados Unidos vêm incentivando a participação da família no trabalho da escola, tornando-se meta de política nacional em 1994. No Brasil, foi instituída, no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), a data de 24 de abril como Dia Nacional da Família na Escola.

Todos defendem a necessidade de as famílias colaborarem com a instituição escolar em seus objetivos e de esta se aproximar dos pais. Uma justificativa utilizada com frequência relaciona-se aos resultados pedagógicos dos alunos. A partir de dados de levantamentos e de pesquisas, afirma-se que o fracasso escolar é menor entre as crianças cujos pais acompanham o trabalho da escola. (PAIXÃO, 2006, p.57).

O sociólogo Pedro Silva (2003, p. 349), ao se debruçar sobre essa temática, afirma que a relação entre escola e família é complexa e multifacetada. O autor aponta duas vertentes que nos permitem compreender essa relação. A primeira é a “vertente escola”, que abarca todas as iniciativas por parte dos professores ou dos pais que ocorrem no interior da escola. “Exemplos desta vertente são o encontro de um docente com o pai de um determinado aluno, ou uma reunião entre o docente e os pais de uma turma, ou uma reunião entre todos os professores e todos os pais”. A segunda é a “vertente lar”, que abrange todas as interações entre pais e filhos que acontecem no interior dos lares e que são direcionadas às atividades escolares dos filhos, “(...) desde o simples incentivo ao arranjo de um espaço próprio para estudo, até à disponibilização de materiais específicos, etc.”.

Contudo, é possível se perguntar: qual a relação da política de nucleação com a participação família-escola? A maioria das escolas nucleadas se localiza em distritos próximos às comunidades rurais, dificultando, assim, que a família estabeleça um contato estreito com a equipe pedagógica, principalmente se considerarmos a “vertente escola” apontada por Silva (2003). Para as famílias do campo, em sua maioria com pouco capital escolar e econômico, faz toda diferença estabelecer um vínculo com a escola dos filhos em sua própria comunidade do que com a escola localizada no meio urbano.

As professoras e auxiliares de serviços gerais das escolas isoladas mantêm um laço

estreito com os moradores e participam da vida social das comunidades. Logo, os pais sentem mais liberdade para conversar com os profissionais sobre o rendimento escolar dos filhos, para tirar dúvidas sobre os processos escolares e outras formas de interação. Por outro lado, minha hipótese era de que, nas escolas nucleadas, além da distância geográfica, os pais se sentiam intimidados em manter um vínculo mais estreito com a equipe pedagógica. Os professores, em muitos casos, são pessoas desconhecidas do grupo de convívio social das famílias; além disso, o baixo capital escolar dos pais pode gerar processos de silenciamento diante das regras do jogo escolar (BOURDIEU, 1998). Acrescenta-se também que existe uma ampliação em relação ao grupo de pais dos alunos, não se restringindo aos moradores das comunidades. Tal fato pode intimidar os pais a manifestar opiniões, tirar dúvidas ou interagir com a equipe da escola em reuniões, festas e outros eventos. Contudo, foi este conjunto de fatores que me levou a compreender a relação família-escola diante do processo de nucleação das escolas rurais.

### **O contexto de realização da pesquisa e alguns aspectos metodológicos**

Essa esta pesquisa foi realizada em 2013 na Escola Nucleada – Escola Municipal Professora Sara Maria de Ávila Carvalho, localizada no distrito de São Sebastião da Vitória (popularmente conhecido por Vitória), situado a 23km da cidade de São João del-Rei, MG; e nos povoados rurais do Tijuco e do Cruzeiro da Barra, que se localizam próximos a esse distrito. Estes povoados tiveram suas escolas fechadas entre dezembro de 2010 e janeiro de 2011, em virtude da política de nucleação. A escolha por realizar a pesquisa nessa localidade se justifica pelo fato de conhecer geograficamente e ter uma trajetória de pesquisa na região; e devido ao crescente número de escolas rurais fechadas, na área rural do município, em virtude da política de nucleação. Nos últimos 28 anos, 36 escolas foram fechadas. Atualmente, o município conta apenas com sete escolas rurais, sendo que duas estão correndo o risco de serem fechadas, devido ao baixo número de alunos.

Vale mencionar que, nesta pesquisa, tomei a relação família-escola na perspectiva da “vertente-escola” denominada por Silva (2003). Logo, priorizei todas as ações empreendidas pelos familiares voltadas para a presença física na escola dos filhos, de modo a influenciar positivamente nos resultados escolares: participação em reuniões de pais, participação nas festividades escolares, a frequência com que

comparecem à escola e em que situações, tipo de interação estabelecida com os professores, com demais profissionais e com o grupo de pais, entre outras atividades que estão ligadas à participação das famílias no interior das instituições. No que se refere à relação “escola-família”, também apontado por Silva (2003), considere as interações estabelecidas pelos professores com os pais dos alunos antes e depois da nucleação, ou seja, trata-se de ações que partem da escola para a família.

Para atender ao objetivo proposto foram considerados os resultados obtidos em entrevistas semidirigidas<sup>4</sup> realizadas com 15 famílias que possuíam filhos matriculados nas escolas fechadas, seus filhos (atores diretamente envolvidos nesse processo) e alguns profissionais das escolas fechadas e da escola nucleada (professoras, supervisora, coordenadora, auxiliar de serviços gerais, secretário da educação, moradores, entre outros). Também foram utilizados dados de um questionário socioeconômico aplicado junto às famílias pesquisadas. Na tentativa de situar ao leitor quanto ao contexto de realização da pesquisa, descreverei brevemente o distrito, os povoados e suas respectivas escolas.

São Sebastião da Vitória é um dos cinco distritos da cidade de São João del-Rei. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativos ao censo de 2000, o distrito possui 2.003 habitantes<sup>5</sup>. O distrito é cortado pela Rodovia Miguel Batista (BR-265), o que implica um fluxo intenso de carros e carretas na rua principal do distrito. A principal fonte econômica do local é a agropecuária, uma vez que existem indústrias de laticínios no próprio distrito e na região. O comércio também é uma fonte de renda considerável. Na área central, existem lojas de roupas, papelarias, farmácia, loja de materiais de construção, *LAN house*, salões de beleza, padarias, restaurantes, lojas de produtos artesanais, posto de gasolina, lanchonetes, bares, supermercados, mercearias, entre outros estabelecimentos. O distrito possui também posto de saúde, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), cartório, serviços de telefonia fixa e móvel.

Já a escola nucleada se localiza na rua principal de São Sebastião da Vitória (BR-265). Possui uma pequena secretaria; uma cozinha pequena; cinco salas de aula; uma

---

<sup>4</sup> De acordo com Szymanski (2011), a entrevista semidirigida é aquela que não apresenta um roteiro fixo e fechado. Embora exista um roteiro que compreenda os objetivos da pesquisa e as informações que se pretende obter, ele é aberto a novos questionamentos que podem surgir de acordo com a fala do entrevistado.

<sup>5</sup> Tentei obter dados mais recentes sobre o número de habitantes do distrito, porém ao procurar o IBGE da cidade de São João del-Rei, fui informada de que, nos censos posteriores, não houve uma separação do número de habitantes da cidade por distritos.

biblioteca pequena, tanto no que se refere ao espaço físico, quanto ao acervo, que é bastante limitado; uma sala onde ficam guardados os computadores da escola; um refeitório; uma pequena área coberta; quatro banheiros; um quintal e uma parte cimentada – trata-se de um projeto de quadra poliesportiva, que não foi concluída.

No ano de realização da pesquisa a escola possuía 138 alunos e 15 funcionários, sendo sete professoras atuando em sala de aula, uma professora recuperadora, uma professora eventual, três auxiliares de serviços gerais, um secretário, uma supervisora e uma coordenadora.

Já o Povoado do Tijuco se localiza a 6km do distrito. Trata-se de uma comunidade pequena; em 2013, havia apenas dez famílias morando no local. Algumas delas criam gado e se dedicam a atividades leiteiras. Outros moradores, principalmente os homens, deslocam-se diariamente para exercer atividades remuneradas no distrito de Vitória ou em comunidades vizinhas; é comum a prestação de serviços como lavrador ou retireiro nas fazendas da região.

O povoado possui uma única rua, não pavimentada, onde se concentram as casas dos moradores, uma capela e a antiga Escola Municipal do Tijuco, cujo prédio encontra-se desativado e cercado por mato. Esporadicamente, são realizadas missas na capela. Depois que a escola foi fechada, trata-se do único evento que mobiliza toda a comunidade, já que os moradores não contam mais com as festas que eram promovidas pela escola.

No ano de fechamento da escola, havia 43 alunos matriculados, distribuídos entre os anos iniciais do ensino fundamental (duas turmas eram bisseriadas), e quatro funcionários, sendo três professores e uma auxiliar de serviços gerais. A maioria dos alunos matriculados residiam em sítios e fazendas próximos ao povoado; outros, em menor quantidade, residiam no próprio distrito de Vitória ou no Tijuco. A instituição possuía três salas de aulas amplas, uma pequena biblioteca, um cômodo de despejo, dois banheiros e uma cozinha, utilizada também como refeitório, que foi construída onde era o porão da Escola.

O povoado do Cruzeiro da Barra se localiza a 20km de São Sebastião da Vitória. O acesso é bem mais difícil, se comparado ao Tijuco, uma vez que, para se chegar à área principal desse povoado, é necessário percorrer um trecho mais longo de estrada de terra, cerca de 10km. As residências são mais dispersas, pois muitas famílias moram em sítios e fazendas. Existe um pequeno aglomerado de casas na área principal do povoado. Há cerca de 1.500m deste aglomerado, encontra-se a

antiga escola e, em frente, uma igreja católica. O povoado possui cerca de 30 famílias, a maioria se dedica à criação de gado na propriedade rural em que reside ou presta serviços de caseiro ou retireiro para fazendeiros da região.

A escola do Cruzeiro da Barra oferecia os anos iniciais do ensino fundamental, porém funcionava apenas com uma única turma, que era multisseriada. A escola possuía uma sala de aula grande, dois banheiros e uma cozinha pequena. No ano de fechamento, a instituição tinha uma professora, uma auxiliar de serviços gerais e cinco alunos.

### **Como era a relação família-escola nas escolas isoladas?**

Todas as famílias entrevistadas falaram do bom relacionamento que mantinham com as professoras, a supervisora e a auxiliar de serviços gerais. Esse vínculo, no entanto, ultrapassa a relação pais-professores. Ana Paula<sup>6</sup> ressaltou que este era o aspecto que mais lhe agradava na escola isolada.

**Ana Paula** (mãe de ex-aluna da Escola do Cruzeiro da Barra): Eu gostava bem da... professora. Por todas duas (*professora e auxiliar de serviços gerais*) ser da região... então você tinha assim uma amizade... uma amizade. Você ia na missa você encontrava com elas. Você tinha uma amizade, não era só contato de professor e pai. Você tinha... tinha não! Tem hoje uma amizade. Então era bacana, isso aí era bacana.

De modo geral, as mães se referiam às professoras dos filhos como se tratasse de um amigo, um parente ou uma pessoa do grupo familiar. Tal fato se justifica principalmente pelo reduzido número de alunos e funcionários na escola, o que possibilitava uma interação e aproximação maior entre eles, principalmente nas reuniões de pais. Esse tipo de relação se demonstrou ainda mais intensa na Escola do Cruzeiro da Barra, uma vez que a professora era moradora do povoado e trabalhava há muitos anos na escola. Algumas mães também relataram serem parentes (tia, prima, sobrinha) dos funcionários, potencializando ainda mais esse tipo de relação. “Até a cantineira lá era minha tia. Ela que vigiava minha filha. Ela falava: ‘qualquer coisa errada que a sua filha fizer aqui eu te passo (*risos*)’” (Selma, mãe de ex-aluna da Escola do Tijuco).

Essa proximidade propiciava às famílias uma ligação mais íntima com os profissionais da escola, ultrapassando, muitas vezes, o ambiente escolar e as relações pedagógicas.

---

<sup>6</sup> Todos os nomes citados, referentes aos agentes envolvidos na política de nucleação do município, são pseudônimos



Embora essas escolas não contassem com uma supervisora frequente, o contato com esta profissional por parte das famílias não demonstrou ser diferente do contato que estabeleciam com os profissionais que trabalhavam todos os dias na escola.

**Giovanna** (mãe de ex-aluno da Escola do Cruzeiro da Barra): Assim Dia das Crianças né? (...) Sempre tinha. Aí eles fazia umas festinha boa, nós ia até pra casa da Heloísa (*supervisora responsável pelas escolas isoladas*), lá pra represa. A Heloísa tem uma casa lá. Ela deixava as mães ir. Eu gostava de ir com as crianças. Bom que a gente ia pra ficar olhando né?

Contudo, o grau de intimidade estabelecido entre pais e professores possibilitava não só momentos de interação e lazer, mas também influenciavam diretamente no processo de escolarização das crianças. Uma das mães relatou que, quando sua filha estava completando a idade de ser matriculada na Escola do Cruzeiro da Barra, a professora (Vera) recomendou que ela a levasse, de vez em quando, na instituição, para que fosse se acostumando com o ambiente e com as demais crianças; assim, no ano seguinte, não teria dificuldades de adaptação. “Às vezes, de vez em quando a Vera mandava eu levar ela, pra ela ir acostumando com as crianças né? Aí ela brincava, a Vera brincava com ela lá, dava uns papel” (Giovanna, mãe de ex-aluno da Escola do Cruzeiro da Barra).

Como havia uma participação constante dos pais em reuniões e festas escolares, além de outras ocasiões em que eles encontravam com os professores (casamentos, missas, festas no distrito de São Sebastião da Vitória e região, aniversários, conversas informais etc.), as mães mantinham uma relação de confiança com os docentes. “As professoras era mesma coisa de uma mãe para os filhos da gente, a gente sentia que eles tratava o filho da gente assim... olhava, aquela coisa. Mesma coisa que uma mãe” (Luciana, mãe de ex-aluno da escola do Tijuco).

Percebe-se que a forma como as famílias interagem com a comunidade escolar propiciou aos filhos esquemas positivos de percepções acerca dessas escolas. Sobre essas percepções, pode-se refletir, ao se pensar no sentimento que os pais transmitiam de que os filhos estavam em um local seguro e confiável, sendo ainda potencializadas pela presença constante dos familiares na instituição.

Essas famílias, com reduzido capital escolar<sup>7</sup>, não se intimidavam com o ambiente escolar e nem quando necessitavam procurar ou estabelecer algum contato com os professores. O fato de a maioria dos profissionais serem do próprio povoado ou do

---

<sup>7</sup> A média de escolaridade das mães é de 06 anos de estudo, enquanto a dos pais é de 4,9 anos. Todos eles (mães e pais) frequentaram a escola, e todos sabem ler e escrever.

distrito de São Sebastião da Vitória permitia que os pais não os vissem como alguém distante da sua realidade geográfica e social. “Eu achava lá simples, eu gosto de ambiente mais calmo, mais tranquilo. Eu não gosto de ambiente muito cheio de... de nove horas” (Selma, mãe de ex-aluna da Escola do Tijuco).

Por outro lado, essa relação não acontece somente do lado das famílias. Os funcionários das escolas isoladas também apontaram para essa questão, afirmando que mantinham uma relação de proximidade com os alunos e com as famílias. Estela (coordenadora da escola nucleada e ex-professora do Tijuco) ressaltou sentir falta desse carinho que mantinha e recebia das famílias. Para ela, a vantagem de trabalhar em uma escola rural é que os professores se sentem valorizados, tanto pelos moradores como pelos pais. Esse sentimento ocorria, sobretudo, porque a professora tinha o hábito de realizar visitas nas residências dos alunos.

**Estela:** (...) era muito bem recebida, aquele prazer de estar recebendo, “a professora vai hoje na minha casa”, “veio na minha casa”, “já foi em tal casa, não foi na minha”, então assim, era muito gostoso, sinto falta disso também, da zona rural, de modo que tenho contato até hoje, que quando tem momentos alegres – casamento, eu vou, sou madrinha de vários ex-alunos, quando tem momentos tristes também – falecimento, eu vou, festa da comunidade eu gosto sempre de estar participando, formatura – eu já tive aluno que já fez faculdade, fui também. Então eu gosto de estar assim, manter esse contato.

Como foi mencionado, essas relações ultrapassavam o espaço físico das instituições. Em uma das entrevistas realizadas, uma ex-aluna da Escola do Tijuco falou da dificuldade que enfrentava para participar das festas juninas, pois o sítio onde residia era distante da escola e sua família não possuía veículo próprio. Na impossibilidade de comparecer ao evento, Estela convidou-a para dormir em sua casa. Ao se lembrar dessas situações, Eliete (mãe dessa ex-aluna) enfatizou que, lá no Tijuco, as professoras “(...) tinha mais carinho com as crianças”.

Os pais têm consciência de que essa aproximação está ligada à dinâmica de funcionamento das escolas rurais, pois possuem reduzido número de alunos. Contudo, não se pode negar o peso desse grau de estreitamento no processo de escolarização dos filhos. A presença frequente dessas famílias na escola e a interação que estabeleciam com os profissionais tendem a contribuir nesse processo. Não se trata aqui de famílias invisíveis ou famílias omissas perante a escola. Diferente do que aponta Lahire (2008), ao se tratar dos sucessos escolares de camadas populares, esses alunos não se encaixam no perfil de alunos que enfrentam “casos de solidão” diante das regras do jogo escolar.

## **A relação família-escola após o processo de nucleação das escolas do Tijuco e do Cruzeiro da Barra**

É perceptível, no conjunto das entrevistas, um distanciamento no jogo de interações estabelecidas entre família e escola. O fato de a escola ter ido para um local movimentado, urbanizado, demandando que o portão da escola permaneça trancado, além do aumento do número de funcionários e alunos, contribuiu diretamente para que as redes de interações estabelecidas entre pais e professores fossem alteradas.

**Fátima** (mãe de ex-aluno da Escola do Tijuco): Porque ali tem muitos pais né? (...) é muita gente. Aí não tem como eles dá atenção pra todos os pais. Aí de lá não... já era pouquinho criança, menos alunos né? Aí não, aí já tinha tempo, sentava, conversava, colocava em dia as coisas que estava precisando chamar a atenção, fazer alguma coisa... lá era mais atencioso assim nessa parte. (...) Aí de cá já não tem mais esse tempo pra eles né?

Essa alteração ocorreu de forma mais brusca se considerarmos as famílias do Cruzeiro da Barra, uma vez que a professora da escola era do próprio povoado. Já no Tijuco, a equipe escolar residia no distrito de São Sebastião da Vitória ou em sítios na zona rural da região. Com a nucleação, a escola passou a receber funcionários provenientes da cidade de São João del-Rei; é o caso da supervisora, do secretário e de algumas professoras.

**Pesquisadora:** Em relação agora às professoras lá de São Sebastião da Vitória? Qual sua relação com elas? Tem alguma diferença com a professora aqui do Cruzeiro da Barra?

**Clara** (mãe de ex-aluno da Escola do Cruzeiro da Barra): Tem, porque eu não conheço a professora deles (*risos*).

**Pesquisadora:** E as professoras lá da Escola do Tijuco você conhecia todas elas?

**Leandra** (mãe de ex-aluna da Escola do Tijuco): Conhecia, lá eu conhecia todas.

**Pesquisadora:** E você acha que mudou a sua relação com as professoras?

**Leandra:** Eu acho que mudou um pouco, porque agora eu não conheço muito ela. Aí eu não tenho assim... como conversar muito com elas, porque a gente não conhecendo...

Nesse sentido, é possível afirmar que a nucleação alterou o nível de interação entre pais e professores, pois, em alguns casos, a figura do professor, atrelada a um amigo ou a um vizinho, passou a ser concebida como um profissional estranho ao contexto social das famílias. O fato de as reuniões e festas na escola nucleada concentrarem um número maior de pessoas, o que de certa forma implica mudanças na maneira dos profissionais conduzirem esses eventos, fez com que essas mães se sentissem envergonhadas ou tímidas diante de pessoas até então desconhecidas, revelando uma

confrontação entre o *habitus*<sup>8</sup> incorporado das famílias do campo e o *habitus* das famílias da cidade.

**Pesquisadora:** (...) você acha que nas festas e reuniões lá no Tijuco você se sentia mais à vontade?

**Selma** (mãe de ex-aluna da Escola do Tijuco): Mais à vontade, o pessoal era muito mais simples. Até as mães da zona rural que ia você via que o modo delas vestir, falar era diferente.

**Pesquisadora:** E você acha que isso atrapalha um pouco, às vezes, a participar de uma reunião, dar uma opinião?

**Selma:** Eu nem dou pra te falar a verdade, nem dou. Eu nem dou porque assim o direito são de todos falarem, entendeu? Aí você vê como que começa uma reunião, o modo como começou e o que está falando, você prefere deixar. Eu só vou mesmo pra participar como mãe, mas não pra interferir.

**Mara** (irmã de ex-aluna da Escola do Tijuco): Muitas pessoas, talvez assim, se for mais simples, talvez não sabe nem como que funciona lá direito, talvez fica até meio acanhado, meio envergonhado de conversar com algum professor. Pode acontecer isso né? Porque lá todo mundo já tinha costume, agora já tem professor diferente.

No que se refere à presença dos pais nos eventos promovidos pela escola (reuniões, festa junina, festa das mães, festa da família etc.), houve um grupo de famílias que afirmou participar da mesma forma; outras disseram que eram mais frequentes na escola isolada e outras mães relataram ser mais assíduas na escola nucleada. Essas variações estão relacionadas ao local onde as famílias residem – se moram longe ou no próprio distrito –, as condições materiais das famílias – se possuem transporte próprio ou não – e as condições das estradas. Para as famílias do Cruzeiro da Barra, a participação nesses eventos se tornou menos frequente, pois antes os familiares podiam ir à escola caminhando, o que também foi relatado por algumas famílias que moram em sítios próximos ao povoado do Tijuco. “Não, lá na Vitória não vai não. Nossa Senhora! Ih tem mãe lá que foi na reunião do filho final do ano. É muito difícil boba. Nossa Senhora!” (Cida, auxiliar de serviços gerais da Escola do Cruzeiro da Barra).

Na tentativa de amenizar esse problema, a equipe pedagógica conseguiu autorização da Secretaria Municipal de Educação para as crianças ficarem em casa nos dias de reuniões de pais. Sendo considerado dia letivo, os carros realizam os itinerários normalmente, porém transportando os familiares dos alunos até a escola nucleada.

---

<sup>8</sup> Para Bourdieu (1983) o *habitus* pode ser compreendido como algo incorporado ao longo da nossa trajetória de vida, através da nossa história e dos processos de interação social. “(...) como se diz a palavra, é aquilo que se adquiriu, mas se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanentes” (BOURDIEU, 1993, p. 105). Portanto, falar de processos de constituição do *habitus* implica falar de processos de socialização, de gostos, de gestos, valores e atitudes.

Tal medida solucionou, em parte, o problema, pois os pais não podem contar com esse transporte em eventos festivos, pois a prioridade é dos alunos; além disso, existem *vans* que transportam concomitantemente alunos da escola municipal e estadual. Neste último caso, os pais não têm o retorno para casa garantido, uma vez que os motoristas têm outros itinerários e horários a cumprir. Rita (mãe de ex-aluna da Escola do Tijuco) se encaixa nessa situação e relatou ter vontade de ser mais assídua nas reuniões de pais.

**Rita:** (...) eu sinto falta porque a gente... geralmente reunião eles quer conversar com a gente, como que está o filho da gente. A gente quer saber como que está as coisa, pedir uma opinião, umas coisa assim, faz falta. Mas o meu negócio é falta de condução, eu sempre falo para o Tadeu (*motorista*) dia de reunião eles deviam colocar um transporte pra levar as mães. Pra levar e trazer. Aí ele falou assim: “Ah eles não faz isso não”. Eu falei: “Ah eles devia fazer porque o filho da gente fica muito sozinho”. As outras mães que vai na reunião que tem mais condição, aí eles ficam falando assim: “Ah minha mãe não vem em reunião, minha mãe não participa da minha vida na escola”. Aí é difícil.

Considerando o baixo capital escolar das famílias torna-se compreensível a aproximação que as famílias mantinham com os professores das escolas isoladas. O fato de perceberem os profissionais como pessoas amigas ou conhecidas de seu meio social deixava as famílias confortáveis, uma vez que os pais conheciam minimamente o funcionamento do sistema escolar. Dito de outra forma, as mães não se intimidavam diante das outras famílias e dos profissionais, quando precisavam tirar dúvidas ou emitir opinião sobre algum assunto.

De fato, o processo de nucleação das escolas do povoado do Tijuco e do Cruzeiro da Barra propiciou o afastamento na relação família-escola. Embora seja uma avaliação negativa da política, isso não quer dizer que os pais deixaram de acompanhar o processo de escolarização dos filhos. De acordo com dados obtidos no questionário socioeconômico aplicado junto às famílias pesquisadas é possível afirmar que os pais continuam acompanhando as notas, leem os bilhetes enviados pela escola, verificam os cadernos, etc. Pode parecer pouco, mas não é. Vários estudos que trataram da relação família e escola demonstraram o peso dessas práticas parentais, empreendidas no interior dos lares, em casos de sucesso escolar nos meios populares (LAHIRE, 2008; PIOTTO, 2014; PORTES, 2000; SOUZA, 2014; SILVA, 1999, entre outros).

O que fica entre os pais é a lembrança positiva dos bons momentos vivenciados nas escolas isoladas e do forte saudosismo que carregam em suas falas sobre essas instituições. Tais fatos revelam um dado pouco explorado na literatura brasileira que

aborda a temática da educação rural. Trata-se das “riquezas” das escolas isoladas, vivenciadas nas relações estabelecidas entre pais, professores e alunos. Em meio a tanta precariedade material e pedagógica encontrada nessas instituições, as relações estabelecidas entre seus atores podem ser um forte indicador da persistência de funcionamento dessas escolas ao longo da história da educação brasileira.

## Referências

ALMEIDA, A. M. F. de. **As escolas dos dirigentes paulistas: ensino médio, vestibular, desigualdade social**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

BOURDIEU, P. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. pp. 81-126.

\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAMPOS, A. R. **As práticas de escolarização de famílias rurais: um estudo comparativo entre famílias negras, mestiças e brancas do povoado de Goiabeiras, São João del-Rei, MG**. 2010. 187 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2008.

PAIXÃO, L. P. Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 124, pp. 141-170, jan/abr. 2005.

\_\_\_\_\_. Compreendendo a escola na perspectiva das famílias. In: MÜLLER, M. L. R.; PAIXÃO, L. P. **Educação, diferenças e desigualdades**. Cuiabá: FMT, 2006. pp. 57-81.

PIOTTO, D. C. (Orgs.). **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

PORTES E. A. *et al.* Na Cozinha de Famílias Rurais: práticas de escolarização de mães com filhos em idade escolar. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 7, 2012, Porto. **Anais...** Porto: Universidade do Porto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Algumas aproximações sobre a relação família e escola no meio rural**. In: DALBEN A. *et al.* (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. pp. 682-707.

PORTES; E. A. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G; ZAGO, N. (Orgs.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 63-80.

SALES, S. da S. **A educação rural brasileira: limites e possibilidades do**

processo de nucleação em Patos de Minas, MG (1990-2002). 2007. 186 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SILVA, J. S. **Por que uns e não outros?** Caminhada de estudantes da Maré para a universidade. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, P. **Escola-família, uma relação armadilhada:** interculturalidade e relações de poder. Porto: Afrontamento, 2003.

SILVA, Maura. **Mais de 4 mil escolas do campo fecham suas portas em 2014.** Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2015/06/24/mais-de-4-mil-escolas-do-campo-fecham-suas-portas-em-2014.html>>. Acesso em: 07 de março de 2017.

SOUZA, M. do S. N. M. de. Estudantes de origem popular nos cursos mais seletos da UFAC. In: PIOTTO, D. C. (Orgs.). **Camadas populares e universidades públicas:** trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, pp. 89-132.

SZYMANSKI, H. Entrevista Reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, H. *et al.* **A entrevista na pesquisa em educação:** a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro Editora, 2011. pp. 9-64.

THIN, D. Famílias de camadas populares e a escola: confrontação desigual e modos de socialização. In: MÜLLER, M. L. R.; PAIXÃO, L. P. (Orgs.). **Educação, diferenças e desigualdades.** Cuiabá: EDUFMT, 2006. pp. 17-55.

ZAGO, N. **Travail des enfants et scolarisation dans le milieu paysan.** Tese de Doutorado, Ciências da Educação, Université René Descartes, Paris, 1989.